O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO E RECONHECIMENTO DO PRISCILIANISMO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO IV

Danilo Medeiros Gazzotti¹

RESUMO: No século IV se desenvolveu na região da *Gallaecia* uma nova interpretação do cristianismo que foi denominada de Priscilianismo, pois seu criador era Prisciliano de Ávila. Após ser denunciado pela facção ortodoxa nicena da *ecclesia* da *Diocésis Hispaniarum*, Prisciliano e seus seguidores começam a tentar obter uma legitimação e o reconhecimento da autoridade de sua vertente do cristianismo, tanto no âmbito da *ecclesia*, como no âmbito da administração imperial. Apesar de ter obtido sucesso em um primeiro momento, Prisciliano e seus seguidores veem esse reconhecimento ser colocado em xeque por causa do processo de legitimação imperial em torno do usurpador Magno Máximo. Temos a intenção de mostrar neste trabalho como se desenvolveu este processo de legitimação e reconhecimento da autoridade político-religiosa do priscilianismo e como o mesmo esbarrou em outro processo de legitimação de autoridade, agora na figura do usurpador Magno Máximo.

PALAVRAS-CHAVE: Priscilianismo; Legitimação; Magno Máximo; Autoridade Político -religiosa

ABSTRACT: In the 4th century was developed in the *Gallaecia* region a new interpretation of Cristianism called Priscillianism, because its creator was Priscillian of Avila. After being denounced by the nicene faction of *ecclesia* of *Diocésis Hispaniarum*, Priscillian and their followers tried to obtain a legitimation and the recognition of the authority of their Christian interpretation, both in the ambit of the *ecclesia* and in ambit imperial adiministration. Despite having obtained success at the first moment, Priscillian and his followers saw their recognition questioned because of the process of imperial legitimation around of Magnus Maximus. In this article, we aim to discuss how the legitimation process and the recognition of political-religious authority of Priscillianism was developed and how it touched other authority legitimation process, in the person of usurper Magnus Maximus.

KEYWORDS: Priscillianism; Legitimation; Magnus Maximus; Polical-religious Authority

Durante o século IV temos o surgimento de uma nova interpretação do cristianismo criada por Prisciliano de Ávila. Temos poucas informações sobre a origem deste último, a maioria delas provém da crônica escrita por Sulpício

¹ Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED) e do Grupo do Laboratório de Estudos do Império Romano (GLEIR- Unesp - Franca). Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto. Título da pesquisa: As Concepções do poder régio entre os suevos na *Gallaecia* do Século V d.C.: uma análise da crônica de Idácio de Chaves. Bolsista CNPq.

Severo no início do século V, a qual é muito crítica a Prisciliano e sua interpretação do cristianismo. De acordo com o mesmo, Prisciliano era de uma família conhecida e muito rica:

Prisciliano, de família conhecida, enormemente rico, agudo, inquieto, eloquente, culto e erudito, com extraordinária disposição para o diálogo e a discussão, feliz sem dúvida se não houvesse degradado sua extraordinária inteligência entregando-se a interesses depreciáveis (S.Severi, Chr; II; 46; 3)²

Em nossa visão, além de sua retórica, a riqueza e influência de sua família teriam ajudado Prisciliano a conseguir muitos adeptos para sua interpretação do cristianismo, entre eles, segundo Severo, muitos jovens, nobres, mulheres e bispos outrora ortodoxos:

Assim mesmo vaidosíssimo e mais orgulhoso do que o normal de seus conhecimentos profanos; inclusive se crê que desde sua juventude praticou a magia. Quando aceitou essa doutrina de perdição, com sua capacidade de persuasão e suas qualidades de captação atraiu a compartilhá-la a muitos nobres e a muitos homens do povo (S.Severi, Chr; II; 46; 5).

Ademais, as mulheres, ávidas de novidades, indecisas na fé e com curiosidade por tudo, afluíam em massa; pois fazendo festa de humildade em seu aspecto e presença havia logrado respeito e veneração por todo mundo (S.Severi, Chr; II; 46; 6).

E paulatinamente a gangrena desta heresia se havia apoderado da maior parte da Hispania, inclusive alguns bispos indesejáveis, entre eles Instancio e Salviano, no só haviam acolhido a Prisciliano de comum acordo, senão sobre o aspecto de uma espécie de conspiração (S.Severi, Chr; II; 46; 7).

De acordo com o relato de Severo podemos ver que o priscilianismo atingiu vários extratos diferentes da sociedade na Península Ibérica. Não temos a intenção de entrar na discussão sobre as concepções dogmáticas dessa *heresia*³ mas sim de demonstrar como a mesma atingiu um elevado grau aceitação na Península Ibérica a ponto de seu líder e seguidores desejarem o seu

² As traduções do latim para o castelhano são de autoria de Carmen Codoñer. As traduções do castelhano para o português são de nossa autoria.

reconhecimento frente ao poder imperial e frente à ortodoxia e através disso conseguirem obter autoridade como uma força político-religiosa em sua região.

Após o crescimento político-religioso dessa heresia na Península Ibérica a mesma é denunciada pelo bispo Hygino a Idácio de Mérida, o qual convoca o I Concílio de Zaragoza, com o objetivo de condenar as crenças de Prisciliano e seus seguidores. Temos essas informações a partir da crônica de Severo e também das atas desse concílio, a última apesar de não citar precisamente Prisciliano e seus seguidores, condena algumas de suas práticas, como a igualdade eclesiástica entre homens e mulheres e sua ascese elevada:

Até que Hygino, o bispo de Córdoba, que vivia perto, relatou o descoberto a Idácio, o bispo de Mérida. Ele, sem moderação alguma, fustigando a Instancio e seus companheiros mais de o conveniente, ascendeu a chama de um incêndio em seus começos, logrando mais bem exasperar os malvados que controlá-los (S.Severi, Chr; II; 46; 8).

Assim pois, depois de muitos debates entre eles que não merecem ser recordados, se reúne um sínodo em Zaragoza, em que também estiveram presentes os bispos aquitanos. Mas os heréticos não se atreveram a apresentar-se em juízo, apesar disso dita-se a sentença em rebeldia e se condena a Instancio e Salviano, bispos, a Helpidio e Prisciliano, laicos. Adicionou-se também que, se alguém chegava a receber em sua comunhão os condenados, devia saber que a mesma sentença ia lhe ser aplicada (S.Severi, Chr; II; 47; 1).

Reunindo-se na sacristia de Zaragoza, os bispos Fitadio, Delfín, Eutoquio, Ampelio, Auxencio, Lucio. Itacio, Esplendonio, Valerio, Simposio, Carterio e Idácio, disseram todos: leiam-se as decisões (I Concílio de Zaragoza).

Que todas as mulheres da *ecclesia catholicae* e batizadas não assistam a lições e reuniões, assim como outros homens que não sejam seus maridos. E que elas não se juntem entre si com o objetivo de aprender ou ensinar, porque assim ordena o Apóstolo. Todos os bispos disseram:

³ Ressaltamos que utilizamos o termo “heresia” apenas para indicar que o priscilianismo, assim como as demais interpretações do cristianismo que diferiam da fé oficial da *ecclesia*, eram vistas dessa forma pelos bispos ortodoxos. Em nossa visão os ortodoxos são os bispos que professavam a fé nicena, a qual foi definida como oficial no Concílio de Niceia em 325. Ao utilizarmos o termo heresias cristãs” temos como intuito mostrar que as interpretações do cristianismo que diferiam da fé oficial nicena eram vistas como heresia pela facção ortodoxa da *ecclesia*.

“Seja anátema todos aqueles que não observem esta prescrição do concílio decisões” (I Concílio de Zaragoza; I).

Também leu: se algum clérigo, por uma suposta vaidade ou soltura, abandonando espontaneamente seu ofício, quiser parecer como mais um observante da lei sendo monge que clérigo, deve ser expulso da *ecclesia*, de modo que, não será admitido nela, senão depois de muito tempo de rogos e súplicas. Todos os bispos disseram: Faça-se assim (I Concílio de Zaragoza; VI).

Após a realização desse concílio Instancio e Salviano, provavelmente em uma tentativa de fortalecer Prisciliano e seu movimento, elevam o mesmo à condição de Bispo. Severo nos testemunha esse acontecimento:

Em tanto, Instancio e Salviano, condenados em juízo dos bispos, nomeiam Prisciliano, certamente laico mas cabeça de todos os malvados e condenado junto com eles no sínodo zaragozano, bispo da cidade de Avila com o fim de reafirmar seu poder, pensando sem dúvida que, se investiam de autoridade episcopal a um homem ativo e astuto, estariam mais seguros (S.Severi, Chr; II; 47; 4).

Mas essa eleição foi considerada irregular deste o princípio e, com isso, Prisciliano foi considerado um bispo intruso e encontrou na sua elevação a bispo o princípio de sua ruína. (INSUELAS, 1943, p. 431). Ao se estudar o processo de *Treveris* contra os priscilianistas, Klaus Girardet põe que a ordenação de Prisciliano havia sido controvertida, pois não respeitava os preceitos conhecidos da legislação eclesiástica (AUGUSTO, 2006, p. 613).

Entretanto, mesmo sendo elevado a bispo, Prisciliano vê seu movimento ter um novo revés. Idácio de Mérida consegue uma ordem do Imperador ocidental Graciano para que Prisciliano e seus seguidores sejam expulsos de suas sedes. Segundo Severo:

Assim pois, depois de muitos e vergonhosos debates, ante as súplicas de Idácio, se consegue um escrito de Graciano, então imperador, por ele que se ordenava não só os heréticos saírem de suas igrejas ou cidades, mas também que fossem expulsos de todas as terras. Ao inteirar disso, os gnósticos, desconfiando de sua situação e sem atrever-se a enfrentar um juízo, os que

pareciam bispos se retiraram sem pressão; o resto se dispersou sem medo (S.Severi, Chr; II; 47; 7).

Após suas destituições Prisciliano, Instancio e Salviano tentaram conseguir seu reconhecimento primeiramente perante outras autoridades episcopais, como o bispo Dálmaso, o bispo Ambrósio e depois ante as imperiais, como Macedônio membro da corte de Graciano. De acordo com Severo:

Então Instancio, Salviano e Prisciliano marcharam a Roma para defender-se das acusações ante Dámaso, o bispo da cidade naqueles momentos. Fizeram um caminho beirando a Aquitânia interior, ali maravilhosamente acolhidos espalharam a semente da heresia (S.Severi, Chr; II; 48; 1).

Quando chegaram a Roma, desejosos de escusar-se ante Dámaso, nem sequer ele admitiu a sua presença. Voltando a Milão encontraram Ambrósio que lhes era igualmente adverso (S.Severi, Chr; II; 48; 4).

Então mudaram de opinião; como não haviam conseguido enganar aos dois bispos cuja autoridade era superior naqueles momentos, sua intenção era arrancar do imperador o que desejavam mediante dádivas e lisonjas. E assim depois de subornar Macedônio, então *magister officiorum*, conseguem uma ordem na que, depois de pisotear decisões anteriores, ordenava que fossem restituídos em suas igrejas (S.Severi, Chr; II; 48; 5).

Confiado nisso, Instancio e Prisciliano empreenderam a viagem de regresso as *Hispanias*, pois Salviano havia morrido na cidade, e então, sem nenhum enfrentamento, receberam as igrejas a cuja frente haviam estado (S.Severi, Chr; II; 48; 6).

Os priscilianistas tinham alcançado uma grande vitória, pois haviam conseguido o reconhecimento imperial que tanto almejavam, mas tudo mudou drasticamente quando Magno Máximo, que era comandante militar da Britânia, derrotou Graciano, que foi assassinado em 25 de agosto de 383. O imperador usurpador decidiu celebrar um sínodo⁴ em *Burdigala*, com o objetivo de resolver definitivamente o problema do priscilianismo. A interferência dos

⁴ As atas desses Sínodo não foram conservadas até a atualidade.

imperadores nessa questão priscilianista nos mostra como as esferas político-religiosas eram extremamente ligadas na Antiguidade.

Nesse momento, o Mundo Romano era comandado por três imperadores diferentes, Teodósio no Oriente e Valentiano II e Magno Máximo conjuntamente no Ocidente, sendo essa divisão tolerada por Teodósio.⁵

Sulpício Severo nos testemunha estes fatos e ao narrá-los sempre procura mostrar Magno Máximo como um grande imperador, enaltecendo sempre seus feitos em vez de considerá-lo um usurpador. Esse é um dos motivos que nos levam a afirmar que essa parte final da crônica de Severo é uma ode a Magno Máximo. Segundo Severo:

E então se havia propagado mansamente o rumor de que Máximo as havia feito com o poder na *Britânia* e de que em breve iria irromper nas Gálias. Assim que então Itacio mesmo quando a situação é confusa, espera a chegada do novo imperador; entretanto não deve promover nada (S.Severi, Chr; II; 49; 5).

Assim pois, quando Máximo entrou vencedor na cidade de Treveris, acumula suas súplicas cheias de ódio e acusações contra Prisciliano e seus companheiros (S.Severi, Chr; II; 49; 6).

Comovido o imperador por elas, enviando uma carta ao prefeito das Gálias e ao vicário das *Hispanias*, ordena que, sem exceção, todos os que estavam implicados naquela praga se transladem ao sínodo de *Burdigala* (S.Severi, Chr; II; 49; 7).

Assim que se transladam Instancio e Prisciliano; obrigado a defender-se em primeiro lugar, visto que suas alegações foram débeis, se declarou indigno do episcopado (S.Severi, Chr; II; 49; 8).

Enquanto Prisciliano recorreu ao imperador para que seu caso não se viesse ante os bispos. E se consentiu a ele devido à debilidade dos nossos, os quais deviam ter ditado a sentença, inclusive

⁵ O reconhecimento de Magno Máximo por Teodósio não é consenso na Historiografia. Jones (1964, p. 158-159) e Kulikowski (2008, p. 185) acreditam que Teodósio não tinha esse reconhecimento. Entretanto, para Frighetto (2005) e Escribano (1990) havia uma certa tolerância de Teodósio para com Magno Máximo. Concordamos com Frighetto e Escribano e acreditamos inclusive que Constantinopla teria um papel fundamental na definição dos assuntos ocidentais.

em rebeldia, ou, se eram considerados suspeitosos, reservar o caso a outros bispos, mas não ceder ao imperador a jurisdição sobre delitos tão claros (S.Severi, Chr; II; 49; 9).

Como dito acima por Severo, o resultado do Sínodo de Burdigala foi desfavorável para os priscilianistas. Instâncio fora deposto do episcopado e Prisciliano teria pedido para não ser julgado pelos bispos, mas para que seu caso fosse decidido por Magno Máximo. Então o mesmo foi conduzido a Treveris em nossa visão com a intenção de apoiar publicamente a causa de Magno Máximo e em troca receber novamente a legitimação imperial para seu culto que a tinha perdido com a morte de Graciano.

De acordo com Severo, Martinho de Tours⁶ teria rogado a Máximo que não condenasse Prisciliano e seus seguidores a morte; em um primeiro momento, Máximo teria acatado a sugestão, entretanto o mesmo teria sido persuadido por outros bispos, como Magno e Rufo, para tomar medidas mais enérgicas contra os hereges. Com isso após sua chegada em Treveris, Prisciliano e seus seguidores foram entregues por Máximo ao prefeito Evódio, um homem enérgico e inflexível, para serem julgados. Depois de interrogar Prisciliano, provavelmente através de tortura, o mesmo foi declarado culpado e preso. A decisão de Evódio foi levada a Máximo, o qual decidiu que a pena de Prisciliano seria a morte e outras demais seriam aplicadas aos seus seguidores. Nas palavras de Severo:

Assim foi que todos os envolvidos na causa foram levados ante o rei. Depois deles foram também os acusadores, os bispos Idácio e Itácio cuja vontade por desterrar os hereges não censuraria se não houvessem lutado mais do que o conveniente devido sua vontade de vencer (S.Severi, Chr; II; 50; 1).

Pois então Martinho, residente em Treveris, não deixava de pressionar Itácio, dizendo-lhe que desistira da acusação, de rogar a Máximo que não decretasse a morte de uns desgraçados, que era suficiente e de sobra o que os hereges julgados de acordo com as normas dos bispos fossem

⁶ A figura de Martinho de Tours é extremamente valorizada por Severo, que o compara inclusive com os santos mártires dos cristãos. Severo o valorizava tanto que escreveu uma biografia de sua vida, denominada "Vida de Martinho".

expulsos de suas igrejas, que era comportamento atroz e inaudito que um juiz leigo julgasse um assunto eclesiástico (S.Severi, Chr; II; 50; 5).

Por fim, de tanto que Martinho esteve em Treveris, se prorrogou a vista e logo, a ponto de marchar já, com seu grande prestígio arrancou de Máximo a promessa de que não se tomaria nenhuma medida sangrenta contra os réus (S.Severi, Chr; II; 50; 6).

Mas depois o imperador, pervertido pelos bispos Magno e Rufo, desviado de suas posturas suaves, entregou o processo ao prefeito Evódio, homem enérgico e inflexível (S.Severi, Chr; II; 50; 7).

E depois de escutar a Prisciliano por duas vezes em júizo e declará-lo convicto de malefício, como ele não renegou de se haver entregado a práticas obscenas, de haver celebrado reuniões noturnas com mulheres de má fama e de se acostumar a rezar nu, declarou-o culpado e o encarcerou até informar ao imperador. A notícia do acontecido chegou ao palácio e o imperador decidiu que era justo condenar a morte Prisciliano e seus companheiros (S.Severi, Chr; II; 50; 8).

Pelos demais, Itácio vendo que mal ambiente tinha entre os bispos, mantinha-se como acusador também nos últimos tramites do júizo sobre a condenação de morte – efetivamente era necessário repetir o júizo – retira-se do processo uma vez cometido o crime de astúcia vã⁷ (S.Severi, Chr; II; 51; 1).

E então, Máximo nomeia como acusador um tal de Patrício, *patrono* do fisco. Assim, ante a renovação da petição, Prisciliano é condenado à morte e junto com ele Felicíssimo e Armenio que, seguindo a Prisciliano, se haviam apartado recentemente dos católicos ainda que sendo clérigos (S.Severi, Chr; II; 51; 2).

Também Latroniano e Eucrocia foram decapitados. Instâncio, que antes dissemos que havia sido condenado pelos bispos, foi deportado para a ilha de Sicily, situada mais lá da Britânia (S.Severi, Chr; II; 51; 3).

Passou-se depois aos demais júizos seguintes e foram condenados a morte Asarivo, Aurelio e Diácono; Tiberiano foi translado a ilha de Scilly, e se previu o confisco de seus bens. Tertulo, Potamio e João, como pessoas de inferior condição, como antes da causa se haviam entregado a

⁷ Durante seu texto, Severo, critica duramente Itácio, provavelmente pelo mesmo ser inimigo de Martinho e o ter acusado publicamente de heresia (S.Severi, Chr; II; 50; 4).

si mesmos e a seus companheiros, foram confinados temporalmente nas Gálias e Britânia (S.Severi, Chr; II; 51; 4).

Deste modo, homens que mereciam viver foram executados ou foram castigados com o exílio assentando-se um nefasto precedente. E este princípio se justificou baseando-se na legalidade dos juízos e na honra da comunidade, depois, ao ver-se Itácio angustiado pelos insultos e finalmente acusado abertamente, o lançava contra aqueles sobre cujas ordens e conselhos havia atuado; sem dúvida, unicamente ele entre todos foi expulso do episcopado (S.Severi, Chr; II; 51; 5).

Nesse ponto levantamos uma questão: por que será que Magno Máximo desdenhou do apoio de Prisciliano a sua causa e o condenou a morte? Em nossa visão essa foi uma jogada político-religiosa de Magno Máximo para desfavorecer o grupo político-religioso de Teodósio e ao mesmo tempo fortalecer sua posição perante as autoridades da fé nicena.

Segundo Frighetto (2005, p. 30-31), pelo Priscilianismo ser de origem hispana, o mesmo poderia contar em seu corpo com a participação de personagens associados ao círculo político e familiar de Teodósio e este elemento poderia macular toda a construção positiva ao redor do *Optimus Princeps*. Por outro lado Frighetto sugere como hipótese plausível que a reação de Máximo em condenar e executar Prisciliano e seus seguidores, seguia linha de atuação de eliminar prováveis aliados e seguidores de Teodósio, além de posicionar-se como aliado a fé nicena e buscar um apoio político-religioso junto a um dos maiores expoentes políticos do universo cristão, o bispo Ambrósio de Milão.

De acordo com Maria Vitória Escribano (1990, p.267), observando o papel de Máximo durante a questão priscilianista, nos parece certo afirmar que o usurpador procurava o pleno reconhecimento de seus poderes como Augusto nos territórios ocidentais junto às cortes imperiais de Constantinopla e Milão, sendo a ocorrência da execução de Prisciliano e seus seguidores uma consequência do poder exercido por Máximo e um meio pragmático para

demonstrar sua posição ideológica em favor do Cristianismo niceno como legítimo *princeps christianus*.

Entretanto, a estratégia de Máximo parece ter falhado, pois não vemos nas fontes nenhuma demonstração de apoio, nem de Constantinopla e nem de Milão. Adicionalmente, segundo Frighetto (2005, p.32), o juízo e a condenação de Prisciliano e seus seguidores, embora realizados por um motivo justificável qual seja de que podiam realizar uma *sedition* na *ecclesia*, possivelmente provocou um primeiro sinal da tensão entre Máximo e Teodósio, que culminou na ruptura do *foedus* existente entre eles e a derrota do usurpador em Aquileia no ano de 388.

Sobre o priscilianismo podemos afirmar que, apesar da busca pelo reconhecimento da autoridade do movimento ter fracassado frente à negação de Máximo, o mesmo não saiu totalmente derrotado da condenação de seus líderes. Segundo Severo, os priscilianistas que antes viam o bispo de Ávila como um santo a partir desse momento o veneravam como um mártir. Assim sendo, sua seita começou a se propagar mais ainda:

Pelo demais, executado Prisciliano, a heresia que se havia propagado sobre seu patrocínio não só não foi reprimida, mas ainda, reafirmando-se, propagou-se mais extensamente. Pois seus seguidores, que o haviam honrado antes como um santo, depois começaram a venerá-lo como um mártir (S.Severi, Chr; II; 51; 7).

Os corpos dos mortos foram levados as *Hispanias* e suas exéquias se celebraram com grande solenidade. Inclusive o jurar por Prisciliano se considerava mostra de sua religiosidade. Em troca, entre os nossos se havia provocado uma constante guerra de discórdias que, exacerbada por quinze anos de vergonhosas dissensões, não podia se sufocar de modo algum (S.Severi, Chr; II; 51; 8).

O movimento priscilianista era tão forte na Península Ibérica, com especial destaque para a região da *Gallaecia*, que continuou se propagando no restante do século IV e no decorrer do século V. Prova disso foi a realização do I Concílio de Toledo no ano de 400, o qual continha artigos que foram redigidos

justamente contra o priscilianismo, e além disso no decorrer do século V, Idácio de Chaves nos dá notícias sobre acontecimentos envolvendo priscilianistas na Península Ibérica, além de fazer uma referência a Sulpício Severo e sua crônica :

Termina a constituição do Concílio Todelano. Começam os artigos da fé católica contra todas as heresias, e sobre tudo contra os Priscilianos, que foram redigidos pelos bispos Cartaginenses, Terraconenses, Lusitanos e Béticos, e enviados com o preceito do papa romano Leão, a Balcônio o bispo da Galícia (I Concílio de Toledo).

Se alguém segue ou professa estes erros da seita de Priscilianismo, de modo a administrar o batismo da salvação, procede de outra maneira distinta e contra a sede de São Pedro, é anátema (I Concílio de Toledo; XVIII).

Começam as distintas profissões da fé contra a seita de Prisciliano no Concílio de Toledo (I Concílio de Toledo).

Reúne-se na província Cartagenense, na cidade de Toledo um sínodo de bispos, e como está contido em suas atas, Simfosio e Dictínio e outros bispos da Província da Galícia com eles, seguidores de Prisciliano, condenam sua heresia blasfematória com o mesmo testemunho de sua profissão. Estabelecem-se também certas prescrições sobre a observância da disciplina da Igreja, por intervenção do bispo Ortigio, que havia sido consagrado em Calenas, mas com intervenção dos Priscilianistas andava desterrado, arrojado pelas facções, por causa da fé católica (*Idácio; cron. a.400-VI [158]*).

Severo, homem eminente, discípulo do santíssimo Martinho, escreve a vida e maravilhas deste; e escreveu assim mesmo crônicas distintas desta, que abarca desde o princípio do mundo até a seita perniciosíssima de Prisciliano. (*Idácio; cron. a.405-XI [185]*).

Está a frente da igreja de Roma, Leão, bispo XLIII: Os escritos deste contra os Priscilianistas são trazidos aos bispos da *Hispania* por Pervinco, diácono do bispo Toríbio. Entre os ditos escritos se envia ao bispo Toríbio um tratado completo sobre a defesa da fé católica, e das blasfêmias dos hereges, que são aceitas por alguns da Galícia com intenção artificiosa. (*Idácio; cron. a.447-XXIII [635]*).

Com o apoio dessas fontes, nós podemos ter uma noção da disseminação dessa *heresia* na Península Ibérica. Em nossa opinião, o

priscilianismo atingiu uma tamanha força político-religiosa na região que trouxe para a mesma certa autonomia nesse quesito em frente ao resto do Mundo Romano. Entretanto um dos objetivos que, em nossa opinião, Prisciliano e seus seguidores almejavam jamais foi conseguido, que era o reconhecimento de uma autoridade político-religiosa de seu credo.

Bibliografia

Fontes textuais

IDACIO, O bispo de Chaves. *Su Cronicon Introdução, texto crítico, versão espanhola e comentários por Julio Campos*. Salamanca: Ed. Casalancias, 1984.

SEVERO, S. *Obras Completas. Estudio preliminar, traducción y notas de Carmen Codoñer*. Madrid: Edotorial Tecnos, 1987.

VIVES, Jose (org.). *Concilios Visigóticos e Hispano-Romanos*. Barcelona-Madrid: CSIC. Instituto Enrique Florez, 1963.

Obras Gerais

AUGUSTO, Diego Piay. Acercamento Prosopográfico al Priscilianismo. In: *Espacio y tiempo en la percepción de la Antigüedad Tardía Antig. crist.* (Murcia) XXIII, 2006, p. 601-625.

CONDE, Francisco Javier Fernández. Prisciliano e Priscilianismo. Historiografia e realidade. In: *Clio e Crimen*, nº1, 2004, p. 43-85.

ESCRIBANO, M. V. "Usurpacion y religion em el s. IV d. de C. Paganismo, Cristianismo y Legitimación política", in: *Antigüedad y Cristinismo VII - Cristianismo y aculturación em tiempos del Império Romano*, Murcia, 1990, pp. 257-267.

FRIGHETTO, Renan. *Antigüedad Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações*. Curitiba. Juruá, 2012.

FRIGHETTO, Renan A Imagem de Teodósio nas *Historiae Adversus Paganos VII*, 34-35 de Paulo Orósio. IN: *Revista Stylos*. Año14, nº 14, p. 25-37, 2005.

INSUELAS, J. B. L. *Curso de Patrologia: História da literatura antiga da Igreja*. Brada, 1943.

JONES, A.H.M. *The Later Roman Empire 284-602 – A Social Economic and Administrative Survey* . 2 vol. Oxford: University Press, 1964.

KULIKOWSKI, Michael. *Guerras góticas de Roma*. São Paulo: Madras, 2008.

MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico (orgs.). *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*. São Paulo: Loyola, 2000.

Mare Nostrum, ano 2013, n. 4

MORESCHINI, Cláudio. *História da Filosofia Patrística*. São Paulo: Loyola, 2008.

VILELA, J. Um obispo-pastor de época teodosiana: Prisciliano, *Studia Ephemeridis Augustinianum*. n. 58/2 (1997), p. 503-530.